

O FILME ‘A MISSÃO 1986’ E A RESISTÊNCIA INDÍGENA
THE MOVIE ‘THE MISSION 1986’ AND THE INDIGENOUS RESISTENCE

Mayara Araújo de Menezes¹

Neila Nunes de Souza²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este artigo objetivou analisar aspectos sociológicos presentes no filme “*A missão 1986*”. A análise se baseia em torno dos teóricos: Travancas (2002); Manso (2017); Negrão (2000); Freire (1996); Borges (2019), entre outros. O filme “*A missão 1986*” retrata a história das Missões Jesuíticas e o processo de catequização dos indígenas na América do Sul. Padre Gabriel e Rodrigo Mendoza decidem partir em uma Missão rumo a América do Sul, e ao longo do filme é mostrada a relação de Padre Gabriel e os indígenas, os quais eram tratados pela Corte Portuguesa como “animais”. Entretanto, o padre tenta intervir, discursando que eles sabiam sim se comunicar, e compreendiam o que ele falava, sendo assim, possível tratá-los como humanos. Mendoza, que antes foi um caçador de escravos, após cometer um crime contra o próprio irmão, em uma discussão por conta de um amor, se torna um religioso, como forma de se autopunir, decide acompanhar Gabriel na Missão de São Carlos. Entretanto, a Corte fala para eles se retirarem de lá, pois o exército iria invadir, mas os dois decidem lutar até o fim, e são assassinados juntamente com os demais indígenas.

Palavras-Chave: Análise Fílmica. A missão 1986. Educação jesuítica. Educação Indígena.

Abstract: This article aimed to analyze sociological aspects present in the film “*The Mission 1986*”. The analysis is based around theorists: Travancas (2002); Manso (2017); Negrão (2000); Freire (1996); Borges (2019), between others. The film “*The Mission 1986*” portrays the history of the Jesuit Missions and the process of catechizing indigenous people in South America. Father Gabriel and Rodrigo Mendoza decide to go on a Mission to South America, and throughout the film the relationship between Father Gabriel and the indigenous people is shown, who were treated by the Portuguese Court as “animals”. However, the priest tries to intervene, saying that they did know how to communicate, and understood what he was saying, therefore, it was possible to treat them as humans. Mendoza, who was previously a slave hunter, after committing a crime against his own brother, in an argument over his wife, becomes a religious man, as a way of punishing himself, he decides to accompany Gabriel to the Mission of São Carlos. However, the Court tells them to leave, as the army would invade, but the two decide to fight to the end, and are murdered along with the other indigenous people.

Key-words: Film Analysis. The mission 1986. Jesuit Education. Indigenous Education.

Recebido em 15 de julho de 2023.

Aprovado em 20 de dezembro de 2023.

¹ Graduanda do Curso de Letras do campus de Porto Nacional – UFT. E-mail: mayara.araujo@mail.uft.edu.br

² Docente no Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: neilasouza@uft.edu.br

Introdução

Este artigo teve como objetivo principal analisar aspectos voltados para a religião e educação presentes no filme “*A missão 1986*”. A análise se baseia em torno dos teóricos Travancas (2002); Manso (2017); Negrão (2000); Freire (1996); Borges (2019), entre outros.

O filme “*A missão 1986*”, de direção de Roland Jeffé, é um filme de origem britânica, lançado no ano de 1986, que traz como principais personagens Robert de Niro (Rodrigo Mendonza), Jeremy Irons (Padre Gabriel) e Liam Neeson (Fielding). A trama se constrói em torno, principalmente, das missões jesuíticas, as quais tinham por propósito a catequização dos indígenas guaranis na América do Sul, sendo assim, realizada pela Missão de São Carlos, coordenada pelo padre Gabriel. Junto nessa missão está Rodrigo Mendonza, que se exilou em um mosteiro após ter cometido um crime contra o próprio irmão, como forma de se punir. Mendoza aceita o convite de Gabriel de ir à missão com ele. Mas, ao final acabam mortos, uma vez que a missão era comandada pela Coroa Portuguesa, e esta havia avisado para eles se retirarem do local, que haveria um confronto entre os indígenas e o exército da Coroa. Já adaptados e decididos a lutar em favor dos povos que ali viviam, Gabriel é assassinado com a cruz de Cristo em suas mãos, e nesse contratempo Mendoza já havia levado um tiro, caindo morto no chão. Além dos dois terem sido assassinados, os indígenas também são assassinados na luta. Apenas um grupo de crianças consegue sobreviver, fugindo pelo rio, em um barco, sem uma direção certa. (MANSO, 2017).

Sobre a educação dos indígenas, Borges (2019) menciona que:

A história da educação brasileira iniciou em 1549 quando os jesuítas chegaram ao país, sob o comando do Padre Manoel Nobrega, que procurou criar hábitos para inserir no contexto indígena e assim manipulá-los (BORGES, 2019, p. 3).

Assim como mostra no filme *A missão*, Borges cita que esse foi o início da educação no Brasil, tido como um marco relevante para o país, mas que ao mesmo tempo trouxe muitas críticas, devido a forma como essa educação foi imposta aos indígenas, que foi considerada como uma forma de manipulá-los.

Após assistir ao filme, surgiu a seguinte questão: Como são apresentados os aspectos educacionais, sociais e políticos no filme?

Por meio dessa questão e análise do filme, justifica-se o interesse em abordar mais esses pontos presentes no filme. Logo que, o filme traz além da discussão em torno da

educação dos jesuítas, mostra conceitos primordiais relacionados a sociedade católica e organização política e como ocorria perante as cenas ao longo do filme.

2 Filme: A missão

Com foco em compreender mais acerca do filme, esta seção se destina a discutir em relação as principais cenas presentes no filme “*A missão 1986*”.

O início do filme apresenta uma cena chamativa, que mostra as Cataratas do Iguaçu e um homem em uma cruz sendo jogado na água, e o corpo é levado pela correnteza e força da água. Após esse momento, tem-se a fala de um homem que predestina ali qual será o destino dos indígenas, para em seguida ser mostrada a figura do padre Gabriel tocando uma flauta, e sendo abordado pelos indígenas. É importante frisar que, a partir dessa relação com a música que ele tocava e os indígenas o cercando e se encantando pelo canto, inicia-se o processo de aprendizagem de comunicação entre o padre e os que ali viviam.

Manso (2017) expõe o seguinte acerca do personagem Mendoza:

Mas voltemos ao imprevisível Rodrigo Mendoza, a única personagem verdadeiramente redonda, pois todas as outras manifestam comportamentos mais ou menos constantes e expectáveis. Apesar da renúncia no passado de violência, de que o seu ingresso na Companhia de Jesus parece ser um ponto de não retorno, Rodrigo, um simples noviço, quebra todas as regras do protocolo quando, numa audiência com o Cardeal, interrompe abruptamente Don Cabeça e o desmente, afirmando a existência de escravatura naquelas terras. De fato, ele próprio fora já traficante de escravos (MANSO, 2017, p. 99-100).

Interessante a forma como o personagem Mendoza é apresentado no filme. Os próprios comportamentos dele entregam e mostram que nem a religião o mudou. Nesse momento, verifica-se que a questão da religião e a imagem de Mendoza não se associam. Em outras palavras, aquilo que o sujeito pratica e a fala não são condizentes.

2.1 A educação dos jesuítas

Nesta seção a busca e a reflexão de como ocorreu a educação dos jesuítas. Para tal, será discutido algumas partes do filme correlacionando com os teóricos abaixo.

Segundo Casimiro (2006):

A Igreja Católica foi responsável pela educação por intermédio das ordens religiosas aqui instaladas (franciscanos, carmelitas, beneditinos, mercedários, oratorianos, como exemplos), responsáveis por inúmeras missões, ensino de primeiras letras e obras de catequese por todo o Brasil (CASIMIRO, 2006, p. 6).

Era comum naquela época a educação ligada à Igreja Católica. Ou seja, aprendia-se a ler e escrever, e entre estas também se aprendiam as doutrinas que eram pertencente a igreja.

A educação no Brasil teve seu início com a ordem missionária jesuíta. Conforme Travancas (2002):

A ordem missionária jesuíta, que é fundada em 1534 por Santo Inácio de Loiola e envia ao Brasil seus primeiros missionários em 1549, apresenta três características marcantes: a primazia da obediência, o sentido de organização e a espiritualidade como ação. [...] Seu objetivo, sua “missão”, era propagar a fé cristã, catequizando os índios. Para tal, aprendiam suas línguas, criavam escolas e desenvolviam as artes, especialmente a música e o teatro (TRAVANCAS, 2002, p. 20).

Os pontos primordiais que vieram junto com a ordem missionária jesuíta para que a educação fosse repassada aos indígenas são alvos de discussões até os dias de hoje. Primeiro, como eles queriam ter o controle sobre os povos guaranis, precisaram ser estratégicos em fazer com que estes os obedecessem. Apesar de que os guaranis já tinham a própria cultura e demais aspectos, a religião tinha que ser ponto de partida para conseguirem os objetivos deles. Em outras palavras, era uma educação que excluía mais do que incluía, deixando a entender como um modelo de “mudança cerebral” nos indígenas.

Para Rodrigues (2018)

[...] os indígenas não possuíam um currículo educacional como ocorreu após a institucionalização do ensino. Todavia, a educação dos nativos iniciava-se desde cedo, estendendo-se por toda a vida em um processo de aprendizagem a partir da própria prática, com meninos e meninas exercendo funções e papéis distintos. (RODRIGUES, 2018, p. 19)

Os problemas na educação jesuíta já começavam pela questão curricular. Quando não há um currículo que conduza a educação, as chances dessa educação fracassar ou dar errada são maiores. Embora, tivesse a parte prática, ainda assim, era vista como não muito aceita por estudiosos da área educacional, visto que teoria e prática costumam se aliar para melhor resultado.

Ainda conforme Rodrigues (2018):

A educação passou a ser pautada no *Ratio Studiorum*, Plano de Estudos criado para regularizar o ensino ofertado pelos Jesuítas. [...] o *Ratio Studiorum* levou 59 anos para ser elaborado, possibilitando grande experiência e larga discussão até ser apresentado oficialmente. O plano funcionava como um manual, que tanto para o professor quanto para o aluno, ambos deveriam conduzir seu comportamento de acordo com o que nele estava escrito. (RODRIGUES, 2018, p. 22)

O método *Ratio Studiorum* foi uma das metas traçadas pelos jesuítas. Não era um método tão estruturado no que concerne aos métodos conceituais de hoje. Mas, de longe aparentava ser um início para colaborar na educação dos indígenas.

Conforme Negrão (2000):

A formação religiosa configurava-se como o maior pilar do sistema educativo jesuítico. Cuidava-se para que a fidelidade doutrinária fosse mantida, irrestritamente, evitando-se quaisquer textos, autores, questões polêmicas ou debates em discordância com a doutrina da Igreja, para que nada expusesse a fé e a piedade dos alunos. (NEGRÃO, 2000, p. 155)

Nas palavras de Negrão, enquanto os jesuítas ofereciam alfabetização aos indígenas, um modelo encontrado para que o sistema educacional deles funcionasse, era tentar “formá-los” dentro de uma religião, no caso a católica, para que assim facilitasse o ensinamento de outras áreas.

Conforme Negrão (2000) o método *Ratio Studiorum*

[...] preceitua a formação intelectual clássica estreitamente vinculada à formação moral embasada nas virtudes evangélicas, nos bons costumes e hábitos saudáveis, explicitando detalhadamente as modalidades curriculares; o processo de admissão, acompanhamento do progresso e a promoção dos alunos; métodos de ensino e de aprendizagem; condutas e posturas respeitadas dos professores e alunos; os textos indicados a estudo; a variedade dos exercícios e atividades escolares; a frequência e seriedade dos exercícios religiosos; a hierarquia organizacional; as subordinações... (NEGRÃO, 2000, p. 155)

Entretanto esse método em nada contribuía para a valorização da cultura dos povos indígenas. De fato, era o que a catequização jesuíta pretendia, que os indígenas se adequassem aos costumes e modos de viver dos que eram considerados “pessoas civilizadas”.

Segundo Borges (2019, p. 5) “Ao difundir o projeto educacional, os portugueses também exploravam e se beneficiavam das riquezas do Brasil, sendo responsáveis também por um sistema administrativo, se beneficiando das terras indígenas.” Esse projeto tinha um objetivo que dava total benefício para os europeus. Era como se eles

estivessem fazendo uma troca, mas que em favor da educação que davam aos indígenas, exploravam das riquezas que aqui encontraram.

Segundo Dalmolin (2004, p. 71): “Os povos indígenas, embora desrespeitados em sua cultura, tinham os jesuítas como seus intercessores, no que diz respeito a sua integridade física.” A educação jesuíta é posta como um período que não soube respeitar os povos indígenas, mas ao mesmo tempo, como é visto no filme *A missão*, eram os jesuítas que estavam intercedendo pelos indígenas que estavam na América do Sul. Ou seja, de um lado europeus furiosos para tomar o território deles, por outro tinha o padre Gabriel lutando junto com os guaranis.

2.2 Aspectos Sociais no Filme

No filme *A missão* poucos são os aspectos sociais apresentados nas cenas. Interessante mencionar a relação do Padre Gabriel com os indígenas, que no primeiro momento os indígenas se sentem ameaçados, e por esse fato, um deles pega a flauta dele e quebra, mas após eles perceberem que não se tratava de uma pessoa que poderia causar o mal, eles recuam e passam a tratá-lo de outra forma.

Padre Gabriel cria uma espécie de relação muito boa com os indígenas, principalmente por eles terem se encantado pelo som e música transmitida através da flauta.

Resultado dessa relação é que Gabriel luta com os indígenas bravamente até o final, se sacrificando e sendo assassinado por desobedecer a Coroa Portuguesa.

Para Travancas (2002)

A cena do encontro do padre Gabriel com os índios é marcada pela música. Ele toca flauta no meio dos nativos, que o acham estranho e não conseguem entender sua língua. Como o jesuíta também não conhece a língua dos índios, há um estranhamento inicial mútuo. Mas a música rompe com isso e possibilita o encontro, o diálogo. Ela não apenas os aproxima; na verdade, parece integrá-los a toda a humanidade. (TRAVANCAS, 2002, p. 22)

Esse momento da interação e primeiro contato do padre Gabriel com os indígenas ficou marcado como uma cena que remete a pensar nos aspectos sociais. Assim, pode-se perceber que também há um contato por meio da língua, em que nem os indígenas sabiam como se comunicar com ele, e nem ele, mas aos poucos a socialização entre eles foi se consolidando.

2.3 Aspectos Políticos no Filme

Este tópico abordará acerca dos principais aspectos políticos contidos no filme.

Manso (2017) cita que:

O cenário é, pois, a colonização da América do Sul por portugueses e espanhóis e o estabelecimento das fronteiras entre os dois impérios coloniais, realinhadas pelo Tratado de Madrid de 1750, que vinha substituir o já antigo e inoperante Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 (MANSO, 2017, p. 94).

A principal questão política apontada e mostrada no filme se refere a relação entre portugueses e espanhóis, mas essa relação que se mostra um tanto que amigável nas cenas, tinha um objetivo e interesse por detrás, uma vez que se tratando de questões políticas, esses dois países se apresentavam como ‘concorrentes’, seja por terras, tesouros, indígenas, entre outros.

Conforme Manso (2017)

Pelo argumento do filme, portugueses e espanhóis manifestam total sintonia, unidos que estão num objetivo comum: a exploração dos indígenas, protegidos pelas missões jesuítas. Em termos concretos, através do Tratado de Madrid, os Portugueses trocavam a colônia Sacramento pelos Sete Povos: as missões guaranis-jesuíticas sob domínio espanhol que se situavam a margem esquerda do Rio Uruguai [...] (MANSO, 2017, p. 94).

De acordo o trecho citado, era de se esperar que havia já interesses na ‘sintonia’ entre espanhóis e portugueses. No filme, isso fica muito claro quando os portugueses decidem atacar o território dos indígenas diante da frustrada tentativa em catequizá-los.

O filme mostra ao mesmo tempo a questão da disputa de terras, com a busca pelos indígenas que eram considerados escravos que estavam naquela região. Ao longo do filme isso é mostrado como um importante acontecimento, em que se percebe a necessidade de se capturar ou destruir os indígenas que viviam na América do Sul.

Logo, com foco em abordar mais sobre a luta e resistência dos povos indígenas, o próximo capítulo se encarrega em trazer essa pauta para a presente discussão.

3 Os indígenas no contexto de resistência

O presente tópico pretende dialogar a respeito da resistência dos indígenas dentro do contexto do filme, comparando para fatos que ocorreram na história do Brasil.

Segundo Casimiro (2006, p. 9) “[...] no filme a violentação da cultura indígena é romantizada e apresentada como necessária, uma vez que no século XVIII ainda não havia o conceito e a ideia de alteridade antropológica.” Essa violentação em nada contribuiu para a catequização dos indígenas ou que fizesse que eles fossem obedientes aos ensinamentos dos padres jesuítas.

A resistência dos indígenas diz muito sobre a história de luta dos povos, em que embora tenham perdido o espaço onde viviam, eles foram valentes e lutaram até o último instante, o que infelizmente acabou restando poucos sobreviventes, como mostra o filme.

Dalmolin (2004, p. 13) comenta que:

O movimento indígena congrega as forças de mobilização e resistência dos povos que se reconhecem como indígenas, destaca-se e dá corpo aos movimentos de resistência socioculturais, com suas lutas pelo restabelecimento da dignidade dos povos nativos dominados pelos colonizadores europeus e pelas sociedades nacionais, criadas por tais colonizadores. (DALMOLIN, 2004, p. 13)

Essa resistência dos indígenas não era/é em vão, tinham-se e têm vários motivos que colaboraram e colaboram até os dias de hoje para que eles lutem e continuem lutando pela existência e sobrevivência do seu povo e cultura. Enquanto europeus faziam de toda forma possível para exterminar com todos os indígenas, havia uma urgência que esses povos expressavam em serem salvos. O filme *A missão* expõe uma parte dessa luta, e por outro lado o Padre Gabriel lutando junto com eles para que estes continuassem vivos.

A partir do filme, nota-se que não é que os indígenas estavam resistindo para mostrarem ser mais fortes ou “rebeldes” com quem estava os ameaçando a sobrevivência, e sim que estavam em um processo lidando com diversas questões: ocupação do território, desrespeito aos costumes e cultura, transformação da língua, entre outras séries de barbáries.

Enfatizando sobre a resistência dos indígenas, algumas das questões que eles lutavam contra podem ser compreendidas através da fala de Limberti (2017):

Foram, assim, execradas a língua e a religião dos índios, pilares de sustentação e expressão de sua cultura e de todos os seus outros valores. Em decorrência disso, os silvícolas foram levados a crer ser inferiores, a crer não saber, a crer

não poder fazer o que quer que não fosse da vontade dos não índios, a dever fazer o que fosse da vontade destes. (LIMBERTI, 2017, p. 127)

Com a desaculturação dos povos indígenas, mesmo eles resistindo, deixou um resultado muito negativo para eles. Uma vez que, perante os europeus e demais culturas, os indígenas passaram a se sentir inferiorizados, como a cultura, costume e língua que não tinham nenhum valor na sociedade.

3.1 O papel da escola

A escola sempre teve um papel relevante no que se refere a educação da sociedade. Apesar de que a educação mudou bastante com os anos, a escola é vista como uma instituição que contribui para a formação dos alunos para uma profissão e como cidadãos. Algo que a educação jesuíta pautava era em educar os indígenas. Mas, eram escolas improvisadas, e que não valorizavam ou respeitavam os costumes e cultura dos alunos. Por isso, a escola nos dias de hoje exerce um papel de ensinar, valorizar, preservar, mostrar, dialogar conforme as origens, cultura, língua etc.

De acordo com Silva e Ferreira (2014)

A escola é uma instituição social de extrema relevância na sociedade, pois além de possuir o papel de fornecer preparação intelectual e moral dos alunos, ocorre também, a inserção social. Isso se dá pelo fato da escola ser um importante meio social frequentado pelos indivíduos, depois do âmbito familiar. (SILVA; FERREIRA, 2014, p. 7)

As responsabilidades que colocam sob o papel da escola são inúmeras, e o ser humano está dentro desse contexto. Sendo a inserção social uma das principais metas que a escola almeja, pensa-se no cidadão que sairá formado desse lugar. Em outro sentido, não sabendo somente assuntos referentes a linguagem, natureza, cálculos, como também valores, princípios considerados importantes na formação das pessoas.

Ainda nesse sentido, Silva e Ferreira (2014) ressaltam que

[...] a contribuição da escola não está apenas, e exclusivamente, relacionada ao saber científico, onde se visa à construção e desconstrução do conhecimento. Está relacionada também com a cultura, e esta por sua vez, possui um fator importante, pois é através dela que conhecemos a história, a cultura e a ideologia de um país, lugar, grupo ou sociedade. Com isso, aprendemos a respeitar o que é difere-te, evitando atos de preconceitos. Nada mais é do que um meio educativo que prepara a criança para futuramente viver no mundo social adulto. (SILVA; FERREIRA, 2014, p. 8)

Para os autores a escola cumpre o papel singular ao construir o conhecimento. Mas, outros fatores também estão envolvidos, como: cultura e o saber respeitar as diversidades. Observando que o filme A missão mostra totalmente o contrário do que a escola hoje em dia tenta combater, que é a discriminação contra as culturas diferentes.

Virões (2013) menciona que:

Se considerarmos a escola como uma das portas de ingresso da criança para a convivência social, podemos entender que é neste espaço, de convivência social, que muitos dos valores difundidos em casa serão consolidados e/ou questionados. (VIRÃES, 2013, p. 46)

O primeiro contato da criança é a família, e a escola é posta como o segundo contato dela, com isso é nítida a relevância desse espaço como um dos interlocutores do convívio social da pessoa. Os valores se construirão com mais solidez, visto que estarão em contato com as diferenças, e aceitar as diferenças faz com que a escola se torne essencial dentro da participação de crescimento do ser humano.

Compartilhando para esse subcapítulo, pretende-se abordar juntamente com a importância do papel da escola, algumas pontuações sobre ser professora a partir do teórico Paulo Freire.

3.2 Pontuações sobre ser professora a partir de Paulo Freire

A prática pedagógica exige dos professores muito mais que ter conhecimento. Nesse sentido, o filme A missão traz a reflexão da educação de tempos atrás para os dias de hoje, em que é possível repensar a didática de se trabalhar com os alunos em sala.

De tal modo, acredito que a transformação pode ocorrer por meio da educação, mas que essa não seja capaz de fazer com que os alunos precisem mudar a cultura, origem deles conforme o que é implantado e ensinado a eles, como foi na educação jesuítica. Nesse sentido, pensar no profissional da educação requer ir além de estar presente em sala de aula ensinando um determinado conteúdo.

Segundo Freire (1996)

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento,

criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos. (FREIRE, 1996, p. 25)

A partir dessa colocação de Paulo Freire, espero que no âmbito da sala de aula, quando eu estiver ministrando minhas aulas aos alunos, eu possa construir um elo entre professor e alunos, ser ponte para que eles compreendam que o conhecimento é construtivo e em equipe o avanço é mais rápido.

Logo, pretendo em minhas futuras aulas levar não apenas da teoria que aprendi na faculdade, como também entender e saber olhar com humanidade cada um dos alunos que passarem por mim. Não deixando que o poder em deter do conhecimento fale mais alto do que a vontade em repassar parte do que aprendi, sabendo respeitar, ouvir os alunos que a mim forem confiados.

Considerações Finais

Portanto, depois de assistir e analisar o filme com base em teóricos, observou-se que o filme A missão mostra acerca dos povos indígenas e a catequização destes na América do Sul. Com isso, pode-se notar a disputa política entre portugueses e espanhóis que queriam explorar os indígenas guaranis, a questão da educação jesuítica, as relações sociais entre os povos europeus e indígenas que os consideravam como animais, entre outros.

A educação jesuítica, embora tenha sido um marco inicial na educação brasileira, notou-se que foi ao mesmo tempo uma forma de aculturação europeia, uma vez que os indígenas já tinham a própria cultura, língua e costumes deles.

Logo, os aspectos analisados a partir do filme surgem como importantes debates para compreender a mais sobre a resistência dos povos indígenas. Estes fazem e sempre fizeram parte da cultura e história do Brasil, sendo assim, a educação jesuíta tendo participação que marcou o início da educação no Brasil, embora de forma defasada e forçada, os indígenas lutam e resistem até o presente momento para que a história deles não seja apagada e esquecida.

Referências

A missão – Análise do filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4tXXVsS7LM> Acesso em: 23 de outubro de 2023.

A missão (1986) Análise do filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6O7GsjTjIfA> Acesso em: 23 de outubro de 2023.

ARNT, Héris; HELAL, Ronaldo. (orgs.) A sociedade na tela do cinema. *In*: TRAVANCAS, Isabel. **Comunicação de massa e diversidade cultural.** Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3PBSuZzp8EsC&oi=fnd&pg=PA3&dq=+filme+A+missao+1986+&ots=OnWiCb_VVf&sig=UMKKrWZS2RwUCMekIngFqAn0Syw#v=onepage&q=filme%20A%20missao%201986&f=false Acesso em: 22 de novembro de 2023.

BORGES, Dalete de Souza Salles. **A educação jesuítica e o método de ensino *Ratio Studiorum*.** Disponível em: https://cecpn.ufms.br/files/2019/12/C_33_.pdf Acesso em: 22 de novembro de 2023.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. **A missão: cinema e estética na história da educação.** Disponível em: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/ana_palmira_casimiro3_artigo_0.pdf Acesso em: 22 de novembro de 2023.

DALMOLIN, Gilberto Francisco. **O papel da escola entre os povos indígenas.** Rio Branco: Edufac, 2004.

Filme A missão 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qOQPscC5BOM> Acesso em: 22 de outubro de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

LIMBERTI, Rita de Cássia A Pacheco. **EXISTÊNCIA INDÍGENA: resistência em busca da (re) existência.** Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3414> Acesso em: 12 de dezembro de 2023.

MANSO, José Henrique. **A missão, de Roland Joffé: O heroísmo jesuíta e a vilania colonial no destino dos guaranis.** Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4543/1/Ubiletras%202_A%20Miss%C3%A3o%20de%20Roland%20Joff%C3%A9.pdf Acesso em: 23 de outubro de 2023.

NEGRÃO, Ana Maria Melo. **O método pedagógico dos jesuítas: o “*Ratio Studiorum*”.** **Resenhas • Rev. Bras. Educ. (14) • Ago 2000** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LqB7SVwpmcCQ8Qp8zHJdB3k/#> Acesso em: 22 de novembro de 2023.

RODRIGUES, Lucicleide Araújo. **As representações fílmicas sobre pedagogia jesuíta no cinema nacional.** Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/19548/1/PDF%20-%20Lucicleide%20Ara%3%BAjo%20Rodrigues.pdf> Acesso em: 22 de novembro de 2023.

SILVA, Luís Gustavo Moreira da; FERREIRA, Tarcísio José. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência** | v.5 | n.2. Disponível em: <https://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/download/415/372#:~:text=A%20escola%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,indiv%C3%ADduos%2C%20depois%20do%20%C3%A2mbito%20familiar.> Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

VIRÃES, Maria Betânia Amaral Rodrigues de Almeida. O papel da escola na educação de valores. **Dissertação de mestrado.** Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2013. Disponível em: https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/4831/1/Maria_Betania_Viraes_Disserta%3%a7%c3%a3o.pdf Acesso em: 11 de dezembro de 2023.